

PREGÕES DA AMADORA EM LISBOA

A voz de Lisboa de outros tempos não era só a dos lisboetas. Das redondezas todos os dias entravam na capital saloios, de entre os quais, naturalmente, também os da Amadora, palmilhando a pé a Estrada de Benfica com os seus pregões a caminho do centro da cidade ou dos seus bairros mais típicos, numa altura em que o barulho do trânsito automóvel mal se fazia sentir e os motores dos carros raramente empestavam o ar, nem tão pouco se assistia às corridas para os comboios, metropolitano ou autocarros. A diferença era feita pelos eléctricos ao atravessarem a urbe, sendo este o meio de transporte mais ouvido com o seu tlim, tlim.

Era, por isso, fácil ouvir pelas ruas fora os homens ou as raparigas com a garganta afinada apregoando os "bonitos morangos de Sintra".

"- Oh! Oh! ... cabaz de morangos! Morangos de Sintra!, que também eram da Amadora ou de Queluz. Eram vozes cantaroladas do dia-a-dia, do amadorenses à procura do governo, na venda do produto da sua horta ou do pão saloio, em cestos de vime.

Personagens coloridas misturavam-se, umas a apregoar "ó viva da costa! Sardinha free ... sca, trinta réis, ó quer a-zei-to-nas noo.. vas!", "galiiii ... nhas! Quem mas quer e com ovo?"

Vozes e gritos animavam as ruas. Não existiam frigoríficos e os produtos tinham que ser frescos e vendidos diariamente.

Da então Porcalhota também iam as lavadeiras buscar e levar roupa para as freguesas, vestidas tipicamente diferenciavam-se em cada esquina das ruas. Estas não apregoavam, pois tinham clientela certa. Como também não apregoavam os moços de fretes, sempre disponíveis em cada canto com as suas cordas às costas. Os limpa chaminés também faziam a diferença, com as vassouras sobre o ombro e sempre mascarrados da fuligem.

"Funileiro à porta!", "ferro velho", "leva as cascas, ai leva!, leva as folhas!". Estas figuras faziam a riqueza de uma cidade, quantas vezes a fugirem da polícia, quando em cada rua, pelo menos dos bairros, havia sempre um agente a controlar a venda ambulante.

Os pregões, segundo os estudiosos, dividiam-se em dois tipos: - o cantado e o gritado. O cantado vem de tempos remotos. Alguns tomaram-se célebres, tal como o dos vaqueiros que andavam pelas ruas com as vacas leiteiras a apregoarem "o bom leite", alguns destes partiam dos lugares da Amadora antes do nascer do sol, para logo ao amanhecer venderem ao lisboeta o leite retirado directamente da vaquinha.

*"Ó freguesa lá do primeiro
Venha abaixo à vaquinha
Que cá está o leiteiro."*

Cesário Verde, num livro de leitura do Ensino Primário (3.ª classe de 1942) diz-nos:



O Amador de lãs e lençóis



O Carro de Cavalo



A Vendedora



O Limpa-Chaminés

"Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita, disseminadas gritam as peixeiras" (O Livro de Cesário Verde, Lisboa, 1926). Das mais musicadas apareciam:

*"Ó meninas desta rua
Venham todas à janela
Se querem a sorte grande
Comprem já uma cautela"*

"Olhas as laranjas", "Couve galega e merceana", "quem quer figos quem quer almoçar, ai figuinhos da capa rota", "marmelos assados no forno".

Apareciam também os pregões mais tristes:

"pitroline", "quentes e boas", "ferro velho", "língua da sogra", "boa péra assada no forno", "fava rica".

A gritar apareciam os vendedores de jornais (os ardinhas) a embulharem os jornais e a atirarem-nos para as janelas, nunca falhavam.

Num livro de leitura da 3.ª classe, de 1942, lia-se este poema:

*"Oito horas, nossa porta
passa agora a tia chica
Com sua voz compassada,
Apregoa: "Fava Rica".
"E agora de toda a parte
Se ouve gente que apregoa,
Gritando: "Quem quer laranja?
Quem compra laranja boa?"
"Merca o cabaz de morangos...
Século, Notícias, Voz...
Oh! boa amora da horta!...
Quem quer ameijoas p'ra arroz?"
"Erre, erre, mexilhão...
Oh! pescadinha marmota!
Compre o raminho de flores
Oh! figos da capa rota!
"E com a lata no brago,
Fresquinha qual fresco arroio,*

*Passa linda vendedeira,
Cantando: "Oh! queijo saloio!"
"E tudo lá vão deixando
p'ra cidade os vendilhões
Mas para ganhar a vida
Que canseiras, que suores!"*

Os marmelos assados no forno e os ardinhas foram os últimos a manter a tradição até aos anos sessenta do século passado. Os marmelos, dentro de um cesto iluminado a gás, ou uma vela acesa, a aparecerem pelas ruas ao cair da noite. A fava rica, os figos, os jornais (estes de manhã e de tarde), as hortaliças, o pão, a fruta sempre ao romper da aurora, bem como o leite.

"- lerre! lerre! mexilhão, também ao anoitecer, bem como as castanhas assadas no forno. O ferro velho, esse andava durante o dia, bem como o da língua da sogra.

"O lisboeta quer tudo à porta, embora o pague por maior preço e de pior qualidade", conforme refere a Ilustração Portuguesa de 1910. Todos os dias tem à porta o padeiro, o leiteiro (com a vaca mungida à vista do freguês). Tudo isto deixava o estrangeiro admirado, hábitos de indolência árabe... como dizia Júlio Dantas na mesma revista (Ilustração Portuguesa de 1914.

Tudo mudou. O velho saloio amadorenses já não vai a pé para Lisboa com os seus porcos, perús, frutas, pão, vacas para mugir à vista da freguesa, com os seus morangos de Sintra. A lavadeira também desapareceu. O progresso criou outro hábitos, hoje tudo é diferente.

Ficou apenas um pouco de história e a iconografia regista factos de ontem para amanhã recordar.